

Coisas da Política

Como Sarney quer ser lembrado

Quem faz a História é quem a escreve.

Com essa idéia na cabeça e milhares de anotações ao alcance das mãos, o presidente José Sarney pretende se antecipar aos historiadores e escrever, ele mesmo, a saga do governo que herdou de Tancredo Neves e que legará ainda não sabe a quem. Dependendo do interlocutor do dia, Sarney diz que legará o governo a Collor de Mello — ou diz que algo de novo mudará o quadro de sua sucessão.



Parece aquela mesma conversa de que um nome novo surgiria em meados de 1984 para impedir a divisão do PDS entre as candidaturas de Paulo Maluf e Mário Andreazza. Os candidatos à sucessão de Sarney são esses mesmos que estão aí — não há invenção possível à vista. É possível que algum deles dispare nas próximas semanas na preferência do eleitor, anulando o favoritismo de Collor ou de Leonel Brizola.

Mas essa, também, é outra conversa — a de hoje tentará dar conta do que assessores do presidente dizem que vai na alma dele. Sarney imagina lançar o livro que já está escrevendo ainda no próximo ano. Dirá no livro que o PMDB o ameaçou, pelo menos, três vezes com o patrocínio de um processo de impedimento para derrubá-lo do cargo. Foi Ulysses, segundo Sarney, o portador das ameaças pouco veladas.

O livro do presidente mostrará que ele entregou o comando do país ao seu sucessor em melhores condições do que o recebeu do general João Figueiredo. No ano corrente, o Brasil deverá crescer um pouco, quando se pensava que o crescimento dele seria negativo. Sarney calcula que deixará o país com uma dívida externa menor do que a do início de 1985. No seu governo, não houve avanços na questão da dívida externa.

Acha ele, porém, que não houve recuos. A questão foi empurrada de barriga e o próximo presidente herdará o cofre cheio de reservas de divisas. A guerra contra a inflação foi perdida, admite Sarney. Ele acredita que fez tudo que pôde para ganhá-la mas que o insucesso registrado não pode ser debitado só na conta do governo. A redemocratização do país foi, praticamente, concluída — e esse é o trunfo que Sarney irá explorar no livro.

Sob o o governo dele, a sociedade tomou um porre de liberdade, as leis autoritárias foram revogadas e o país ganhou uma nova Constituição. O historiador que quiser, mais tarde, contestar o que Sarney dirá no livro, que o faça. Mas a versão dele sairá na frente — e Sarney acredita que ganhará com isso.

Choque capitalista

Recebi carta do ex-ministro Raphael de Almeida Magalhães que, por ser extensa, transcrevo de forma resumida:

“Neste clima de *science fiction*, dominante na cena política brasileira, tenho deixado passar, sem reparos, as mais excêntricas especulações atribuindo-me posições de toda ordem. Mas pelo apreço especial que você me merece, não gostaria, agora, de deixar passar em branco a referência que me fez em sua crônica de 7 de setembro (...) Nunca propus, nem então, nem agora, ao PMDB, nada que se parecesse com um “choque capitalista”, mesmo porque, como revelam todos os indicadores econômicos, o capitalismo no Brasil vai muito bem e não precisa de estímulos adicionais para melhorar sua eficiência.

São os assalariados, sobretudo os de baixa renda e os sub-empregados, urbanos e rurais que vão mal. São os serviços públicos de natureza social que estão em decadência. É a infra-estrutura econômica que está ameaçada de *débâcle*. O mero crescimento econômico — e a época do milagre o demonstrou — não garante a melhoria de vida da massa marginalizada. É preciso mais — um “choque social” por consenso nacional e com o apoio das elites brasileiras. Por isso, não poderia sugerir, como não sugeri, induzi ou influenciei, o discurso do senador Mário Covas, propondo um “choque capitalista”, mesmo porque (...) não gostei do discurso.

Disse-o ao deputado José Serra e aos senadores Fernando Henrique Cardoso e José Richa com os quais, em mais de uma ocasião, conversei sobre a sucessão e as notórias dificuldades em que se debate o candidato do PSDB, cujas virtudes pessoais faço questão de sublinhar. Conversei sobre sucessão com o Fernando Collor de Mello, a quem me ligam vínculos afetivos muito antigos — nossos pais eram grandes amigos (...) Se muito conversei e conversei, não me comprometi com qualquer dos candidatos, razão pela qual tenho como extraordinário — mas também como fenômeno próprio deste país com baixo grau de tolerância democrática — apresentarem-se conversas com ex-companheiros como atos maliciosos ou reprováveis.

Não obstante não participar de sua campanha — afinal fui dela marginalizado desde fevereiro — e apesar de convencido do caráter suicida da estratégia adotada, votarei, como cidadão, no deputado Ulysses Guimarães, em respeito às suas singulares virtudes de homem público e em tributo ao papel decisivo que desempenhou na redemocratização do país (...).”

Tudo a declarar

No próximo dia 5, a editora Nova Fronteira lançará o livro de memórias do ex-ministro Armando Falcão, sob o título *Tudo a Declarar*. O lançamento será feito no Clube dos Marimbás, no Rio de Janeiro.

Ricardo Noblat